

ESPECIAL

Amor ao primeiro sorriso

Uma jovem de 17 anos sonha em fazer parte de uma família como a que acolheu suas irmãs Grasiela, 10, e Letícia, quatro meses. Por uma exigência da lei, ela não pôde ser adotada com as manas porque a diferença de idade entre a adolescente e os pais adotivos é menor do que 16 anos.

Tudo bem se o desejo não se realizou neste ano. A adolescente não perde a esperança e deseja apenas que Grasi e Letícia tenham um ótimo Natal. Mais: que possa ver as

maninhas com frequência a partir de agora, afinal, era a jovem quem cuidava das duas quando os pais biológicos se ausentavam por dias seguidos.

– Vou estudar para ser psicóloga – promete a adolescente, que ainda mora na Casa Lar Padre Oscar Bertholdo.

Se uma família apoiar a garota, seu futuro tende a ser tão promissor quanto o que se projeta para suas duas irmãs. Grasi, por exemplo, fre-

quenta uma boa escola pública e, no próximo ano, será transferida para um colégio particular.

A vida da pequena mudou no final do ano passado, quando expressou o desejo de ser adotada em uma carta publicada no Pioneiro, uma das iniciativas do Poder Judiciário para estimular adoções. O sorriso de Grasiela estampado em vídeo da reportagem era radiante. O engenheiro elétrico José Isaías Miranda Cunha, 29 anos, e a estudante de psicologia

Beatriz, 33, se renderam.

Ele e Beatriz estavam convencidos há tempo de que a paternidade seria por meio da adoção. Quando se mudaram de Jacareí (SP) para o Rio Grande do Sul, eles desistiram da ideia de acolher um bebê para se dedicar a crianças mais velhas. A aproximação entre o casal e a menina aconteceu em novembro de 2010. Cinco meses depois, Grasi ganharia um quartinho novo e o coração dos pais. Em agosto, chegou Letícia.

O casal mora em Farroupilha há menos de um ano. Construiu uma ampla casa para receber as filhas. Há poucos dias, a família recebeu a certidão de nascimento das irmãs confirmado a adoção. Hoje, aos 10 anos, Grasi quase nem lembra do passado difícil em um bairro pobre da cidade. Será um Natal como nunca se viu na família Cunha.

– Não são adotivas ou do coração. São nossas filhas mesmo – orgulha-se Isaías.



A felicidade chega

As férias estavam confirmadas e as malas prontas. Mas bastou um telefonema para mudar os planos e a história da família de Mônica de Souza Gonzalez, 43 anos.

Do outro lado da linha, a promotora de Justiça Cláudia Hendler Formolo Balbinot convidou ela e o marido, o empresário Ailton Wiliczinski, 62, para conhecer Samira (na foto, à direita), nove anos. O casal não conteve a ansiedade e seguiu imediatamente para Farroupilha.

Pais de Maria Luisa (à esquerda), oito anos, Mônica e Ailton acalentavam o sonho de adotar uma criança ainda na época em que residiam em São Paulo. Também eram cobrados por Maria Luisa, que desejava muito ter uma irmã.

O casal participou de reuniões com grupos de apoio para saber um pouco mais

sobre a adoção tardia, um dos aspectos mais negligenciados pela maioria dos candidatos a pais.

A família se mudou para Caxias do Sul em dezembro de 2010. Por meio de uma amiga, Mônica soube do trabalho da promotora em Farroupilha e se habilitou.

A menina morava havia meses na Casa Lar Padre Oscar Bertholdo. A aproximação com Mônica e Ailton se deu ao natural. O casal e Maria Luisa desistiram da viagem porque não teria sentido curtir as férias com uma filha enquanto a outra passava os dias num abrigo. As duas pequenas se tornaram inseparáveis e dividem até a coleção de bonecas Barbie.

Cinco meses após a chegada de Samira, Ailton e Mônica resumem o que sentem em uma única palavra: felicidade.